



ENEPEX

ENCONTRO DE ENSINO,
PESQUISA E EXTENSÃO

8º ENEPE UFGD • 5º EPEX UEMS

A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DOS BOLSISTAS PIBIC-AAF DA UEMS: AS PESQUISAS JÁ REALIZADA ESTABELECEM RELAÇÃO COM AS TEMÁTICAS ÉTNICO-RACIAIS OU COM A IGUALDADE NA DIVERSIDADE?

Davino Aquila Florentino¹; Maria José de Jesus Alves Cordeiro²

UEMS- Cidade universitária- Caixa Postal 351, CEP: 79804-970- Dourados- MS, E- mail:

daquilas@hotmail.com

Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/AAF da UEMS. Orientadora, Professora, Professora do Curso de pedagogia da UEM/Dourados- MS.

RESUMO

O presente estudo constitui-se de uma investigação realizada no período de julho de 2013 a julho de 2014 com o objetivo de realizar um levantamento da produção científica Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Ações Afirmativas PIBIC-AAF para verificar qual sistema de cotas teve mais projetos aprovados, se negros Ou indígenas e, quais projetos questão ligados com as temáticas que motivaram a criação das bolsas. Para alcançar os objetivos, utilizou-se como metodologia uma revisão bibliográfica, a partir de autores como: Kaufmann (2007), Santos (2010), Teixeira (2002). Também foi aplicado um questionário a uma amostra de 20% dos 56 cotistas que foram ou ainda são bolsistas, considerando o total de relatórios de projeto recebidos do setor de iniciação científica da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação PROPP/UEMS que participaram do PIBIC-AAF, no período de 2009 a 2013. Destes apenas 13% dos bolsistas responderam o questionário. Outro ponto abordado foi às ações afirmativas e a criação das cotas na UEMS, além do contexto histórico relacionado aos negros no Brasil. Após analisar os projetos e relatórios recebidos, verificamos que dentre os 56 cinquenta e seis) aprovados de 2009 a 2013, 12 (doze) pesquisas apresentam alguma ligação com temáticas étnico-raciais e, os negros cotistas foram maioria na conquista das bolsas com 49 (quarenta e nove) delas.

Palavras-chave: Ações Afirmativas, PIBIC/AAF, Cotistas.

INTRODUÇÃO

A história do negro no Brasil é marcada por muito sofrimento e luta, originada em um sistema escravagista que duraram séculos, este cenário gerou e desenvolveu no decorrer da história o estigma de inferioridade do negro, de sua cultura e religião, além de transformar sua cor de pele em marcador social para o preconceito, discriminação e atos de racismo. De acordo com autora Frangoso (2007 p.41):

Dessa forma, é preciso investigar a maneira como a cor da pele irá influenciar a posição social de cada indivíduo. Existem outros fatores que, sozinhos, ou aliados ao preconceito de cor, alijem os cidadãos do convívio social? Bem compreendeu a relevância de tais do indivíduo se faz no Brasil muito mais pela sua posição social; e raça, pelo menos nas classes superiores, é mais função daquela posição do que dos caracteres somáticos (2007 p.41).

A escravatura no Brasil durou séculos, os negros só saíram desse regime com a abolição no ano de 1888. No entanto, essa só ocorreu por questão econômica e pressão internacional dos demais países, juntamente com o declínio da produção açucareira. O Brasil foi o último país a acabar com o regime de escravidão.

Ao longo da história, os negros sofreram com as crueldades da sociedade e além de enfrentar o racismo, mais acirrado em relação aos de cor preta. De acordo com. O Movimento negro que já vinha se surgindo mesmo na ditadura, começa um trabalho de conscientização racial e social, combate ao racismo e luta por melhores condições para os negros em todas as esferas sociais. Nesse processo nasce o projeto do Estatuto da Igualdade Racial, aprovado somente em 20 de julho de 2010, por meio da Lei nº 12.288 e ainda, projetos de criação de ações afirmativas para acesso ao ensino superior. No mesmo embalo, os indígenas começam a se organizar para lutar pela terra e mais tarde pelo acesso a educação, fato que gerará ações afirmativas de acesso ao ensino superior também para eles. O objetivo principal das ações afirmativas para negros e indígenas no Brasil não é para combater a pobreza, mas combater a discriminação étnica- racial, ou seja, o racismo velado que permeia nossa sociedade. Segundo Santos (2010, p.75):

Para a antropóloga Yvonne Maggie, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a implementação do sistema de cotas para estudantes negros vai racializar o Brasil e “produzir a divisão do povo e dos estudantes em brancos e negros” 6, implicando, segundo ela, conflitos raciais no futuro. (Santos p.77)

As primeiras universidades a criarem essas ações sob a forma de cotas étnico-raciais foram: universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ em 2000; Universidade Estadual da Bahia – UNEB em 2001; Universidade Estadual de Mato do Grosso do Sul– UEMS em 2002 e 2003. Dentre as federais, a pioneira foi a Universidade de Brasília em 2004. A UEMS possui ações afirmativas na forma de cotas de 10% para indígenas (2002) e 20% para negros (2003) em todos os cursos de graduação. Por conta disso, conquistou em 2009 várias bolsas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica em Ações Afirmativas/ PIBIC-AAF /CNPq, criadas para atender acadêmicos nas dez primeiras universidades a implantar ações afirmativas.

Com base nisso decidimos realizar esta pesquisa que teve como objetivo geral fazer um levantamento da produção científica dos bolsistas PIBIC-AAF e verificar se esta possui relação com temáticas que tratam de questões étnico-raciais, igualdade, e diversidade. Como objetivos específicos: verificar quantas bolsas foi concedido de 2008 a 2012; identificar qual o sistema de cotas que mais aprovou projetos no PIBIC/AAF, se negros ou indígenas; realizar a leitura de todos os relatórios finais de pesquisa desenvolvidas no PIBIC-AFF até 2012, analisando-os a partir de categorias definidas; elaborar um estado da arte com as pesquisas que apresentem ligação com as categorias propostas nessa análise.

DESENVOLVIMENTO

Para realização desta pesquisa optamos pela abordagem qualitativa de pesquisa com uso da análise de conteúdos, porém com uso de dados quantitativos que nos permitiu uma visão geral do objeto escolhido e a possibilidade de fazer análises que respondem aos objetivos postos. Segundo Chizzotti (2005) a análise de conteúdo é um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, substanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer forma comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento. [...] o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Para isso, fizemos uma revisão bibliográfica exploratória referente a temas como: acesso, permanência, igualdade étnico-racial, exclusão, diversidade, ações afirmativas, inclusão na educação superior, produção intelectual e outras temáticas inerentes. Foram analisadas também as legislações oriundas dos órgãos responsáveis pelos programas de bolsa (CNPq e UEMS) e as normas internas da UEMS.

Foi feito um levantamento de quantos alunos receberam bolsa de 2009 até julho de 2013 e que executaram com sucesso a pesquisa ligada ao PIBIC/AAF. A alteração do período ocorreu tendo em vista a disponibilidade dos dados. Os dados foram coletados no setor de iniciação científica da divisão

de pesquisa da PROPP/UEMS, após consulta ao Comitê de Pesquisa. Foram lidos e analisados 56 (cinquenta e seis) relatórios. Fizemos a aplicação de questionário com questões abertas e fechadas por e-mail para um público alvo de 20% dos bolsistas, priorizando os que desenvolveram temas próximos ou ligados ao nosso objeto. Conseguimos obter 07 (sete) questionários preenchidos depois de enviarmos por três vezes a solicitação. O questionário com questões abertas e fechadas teve como objetivo detectar de que forma essa bolsa contribui ou contribuiu na permanência do cotista.

Dos relatórios lidos e analisados foram identificados 12 (doze) projetos que desenvolveram algumas temáticas ligadas a questão étnico-racial ou de ações afirmativas, principal motivação usada para a criação das bolsas no CNPq. Com as informações obtidas e o aporte teórico estudado foi construído este trabalho.

Em relação aos questionários respondidos pelos 7 (sete) bolsistas, apresentamos os seguintes resultados e análises: nos dados de identificação constatou-se que todos os cotistas se autodeclararam de cor preta, sendo três do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Alguns não declararam a idade e dos que declararam, a idade varia entre 23 a 38 anos. Todos concluíram a pesquisa apoiada pela bolsa PIBIC/AAF, mas afirmaram que as referidas bolsas não ajudaram a se manter no curso, justificando que o valor de 400,00 (quatro centos reais) não faz jus as despesas para sobreviver como acadêmico, principalmente quem está distante da família. Porém, ajudou a pagar xérox, alimentação e transporte. Em relação porque optou pela bolsa PIBIC/AAF, cada um respondeu de forma diferente: por indicação da orientadora; desejo de pesquisar sobre os indígenas; porque tem interesse na temática étnico-racial; porque é negra; pela possibilidade de inclusão social; oportunidade de aperfeiçoamento e ajuda financeira.

Perguntados se a pesquisa desenvolvida trabalhou ou estudou temáticas ligadas as questões étnico-raciais, 5 (cinco) assinalaram que sim e 2 (dois) que não. A justificativa para o sim Foi que é muito importante discutir essas temáticas étnico-raciais; para os que responderam não, justificaram como recomendações da orientadora.

Em relação à importância de discutir essas temáticas, 5 (cinco) responderam que sim, justificando ajuda refletir e promove discussões, mas infelizmente não diminui o preconceito sim apenas reflexão sobre o passado; os 2 (dois) que disseram não, novamente justificaram como recomendações da orientadora.

Quando questionados se acreditam que o Brasil é racista, todos afirmaram nos questionários que o país é racista, que a cor de pele é um dos fatores mais importantes como marcador de discriminação em nossa sociedade. A universidade ainda dissemina a ideologia do branqueamento e reservar 10% das vagas para os indígenas e 20% para negros não irá resolver o

problema, porém inicia um processo de promoção da igualdade entre os grupos em uma sociedade que ainda tem traços da escravidão.

De acordo com afirmação de um dos cotistas: “existe um contexto de discriminação relacionado com a cor do sujeito”. “Há um preconceito intrínseco por falta de conhecimento sobre a cultura afro brasileira e Africana e existe um desprestígio familiar, onde as pessoas envolvidas disseminam cruelmente o preconceito entre os membros mais jovens envolvidos neste sistema. Estas famílias apenas reproduzem o que lhe fora repassado ao longo dos anos”.

Sobre a importância do PIBIC/AAF para a UEMS e para os indígenas e negros cotistas, 6 (seis) responderam que é importante sim, 1(um) respondeu que não. Das respostas obtidas para os que acham importantes podemos destacar: “para UEMS é abertura de possibilidade para acadêmicos conhecerem mais sobre essa população. Para os indígenas e negros é a valorização deles no contexto universitário e social”; “estes projetos contribuem significativamente para que os cotistas e não cotistas de âmbito geral desenvolva um censo crítico sobre os temas relacionados com as questões étnico- raciais e neste contexto, tenta-se diminuir as desigualdades raciais e sociais”; e “Para mostrar que somos todos iguais independentemente de cor, raça, classe ou religião”.

De tudo que foi respondido nos questionários, um ponto que consideramos positivo é a afirmação de que é importante discutir sobre o preconceito para tentar diminuir e quebrar o mito de democracia racial. Com ponto negativo apontamos o fato de alguns orientadores buscarem essas bolsa e recomendarem que os cotistas negros não abordem temas ligados a questões étnico-raciais mesmo que o objeto de pesquisa possa contemplar, contribuindo para a perpetuação do racismo na academia e na sociedade, pois ao recomendar isto, deixa claro a este cotista que sua história e sua cultura não têm lugar na academia e no mundo do conhecimento.

Conclusão

Ao concluir a pesquisa fica uma reflexão a ser feita sobre as cotas como forma de combate ao racismo presente na sociedade, seja implícito ou explícito. Infelizmente a nossa sociedade é preconceituosa e as universidades têm um papel muito importante nessa luta, pois cabe a ela disseminar a igualdade como direito de todas as pessoas, mas ainda não é isso que acontece, pois presenciamos processos de discriminação e racismo nas instituições, a exemplo a UEMS. A ideia de igualdade está presente na constituição, porém na vida social, o que está escrito na lei não é exercido.

AGRADECIMENTOS

Ao CNPQ pela bolsa de iniciação científica – PIBIC/AAF

REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antônio. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KAUFMANN, Roberta Frangoso Menezes. Ações afirmativas à brasileira necessidade ou mito?

Uma análise histórico-jurídica-comparativa do negro nos Estados Unidos da América e no Brasil. Porto Alegre: Livraria do advogado editora, 2007.

SANTOS, Sales Augusto. Políticas públicas de promoção da igualdade racial, questão racial, mercado de trabalho justiça trabalhista. Rev TST, Brasília, vol. 76, n.3, jul set 2010.